

## **Através da porta**



**EDUARDO STOTZ**

## **(começo)**

Tentou, sem sucesso, aproximar-se do menino que gritava desesperadamente. Um urubu estava a rodeá-lo. Assistia à cena, estranhamente paralisada e afônica. Não conseguia distinguir se os gritos eram de medo, se clamavam pela figura da mãe ou se o menino, ao gritar, pretendia espantar o animal. Quando a cena pareceu atingir o paroxismo, o menino se deitou, enrodilhando-se numa manta; foi quando a ave atacou, a negra asa aberta encobrendo a visão de tudo. Despertou, sobressaltada e cega, como saísse repentinamente para a luz. Sentou-se na cama e pausadamente passou a mão nos olhos, desprendendo as pálpebras. Ainda parecia ser muito cedo, pois o sol não entrara nas frestas da veneziana. Então, a angustiada voz pequena se fez ouvir fora de sua mente entorpecida pelo sono. Não fora um sonho. Ergueu-se de pronto e disse, em voz alta, em tom de auto-convencimento: *Laurinda veja o que está acontecendo!* Vestiu-se com pressa, lavou o rosto sem cuidado, calçou os chinelos e abriu a porta.

No apartamento ao lado, sentado à mesa da cozinha, Antonio ia beber uma xícara de café quando ouviu os gritos insistentes de uma criança pequena. Não conseguindo distinguir de onde vinha, movimentou-se dentro do cômodo. Foi até a janela. Nada. Dirigiu-se à porta. Somente depois de abri-la e dar um passo no corredor do edifício percebeu que vinha do apartamento contíguo. Chamou-lhe atenção a ansiedade distinta nessa voz. O que estava a acontecer? Pigarreou, teve ânsia de cuspir. Maldito fumo, tantos anos passados de abstinência do vício ainda o tornava uma espécie de seqüelado. Recuou, com a porta aberta, para o interior do apartamento, livrou-se do incômodo no banheiro. Quando retornou ao corredor encontrou uma vizinha, a Laurinda, diante do apartamento de Valéria.

Era uma manhã de domingo. Não bastasse isso, muito cedo. Pelo amor de Deus, comentaram outros moradores em seus respectivos quartos, ao também despertarem com os alaridos do menino. Ademais, constataram alguns ao olhar para fora dos apartamentos, um domingo brumoso e frio. Lentamente as portas foram entreabrindo-se. Os vizinhos avistaram Laurinda e Antonio parados diante do número 403. Foram se aproximando, enquanto ouviam o incessante apelo do menino pela mãe.

A primeira atitude partiu de Laurinda:

*Dona Valéria! Ó dona Valéria!*

Nenhuma resposta. Chamou novamente. Nada.

*Tem alguma coisa errada,* disse Antonio.

*É, tem mesmo, repetiram outros.*

Laurinda girou a maçaneta. Fechada. Então, com um tom mais alto, firme, mas suave, interpelou o menino.

*Joãozinho meu filho, abre essa porta, pediu ela. Nada. O menino retomou choro e gritos pela mãe.*

*Vamos arrombar a porta, sugeriu apressado um vizinho com o qual Laurinda nunca simpatizara.*

*Está maluco? Quer machucar o menino?*

*Ouçam o que ela diz.* Voltaram-se automaticamente para a voz de comando, grave, embora serena, de Antonio. E rouca, notou ela ao mirá-lo de soslaio. Estava surpresa pelas palavras de apoio. Talvez até mais por causa da entonação da voz, desconhecida até então. Nas raras vezes em que se encontraram diante do elevador ou na passagem pelo corredor do andar, o senhor Antonio a cumprimentava com meneios de cabeça. Deve ser uma pessoa abismada pelos números, imaginou ela numa dessas vezes e, assim, criou para ele uma personalidade capaz de explicar seu mutismo.

### **(o menino e sua mãe)**

Os apelos desesperados do menino interromperam o devaneio de Laurinda. Retomou a tentativa de contato:

*Joãozinho, aqui é a Laurinda, amiga da mamãe. Da mamãe, viu?* O silêncio que se seguiu gerou em todos uma forte expectativa de diálogo, apesar de se tratar de uma criança de menos de três anos.

*Joãozinho meu filho, você está aí? Responde, Joãozinho.* O tempo passava, a impaciência atrás dela aumentava, alguém apertou a campainha, seguidas vezes. Disparates dessa gente.

*Joãozinho!* Resolveu bater na porta com o punho fechado, três vezes, sem violência. Como num passe de mágica ouviu-se a voz

*Zinho tá qui.*

*Joãozinho, sua mãe está aí?*

*Tá* – respondeu pela primeira vez o menino.

*Ela tá dormindo, meu filho?*

*Tá.*

*Meu Deus deve estar desmaiada* – disse a mulher do apartamento 206.

*Ninguém daqui pode dizer se está acordada ou desmaiada, viva ou morta* – retrucou a síndica, chegada naquele momento, enquanto suspiros de consternação e exclamações pela Virgem Maria antecipavam o pior.

*Você consegue acordá-la, Joãozinho?* - continuava Laurinda na conversação com o garotinho.

Silêncio.

*Sem dúvida, alguma coisa aconteceu com a mãe do menino João* – resumiu Antonio. Agora ele também sentiu a impaciência das pessoas em sua volta. Observou que Onofre, estivador aposentado, calçava coturnos. A mulher dele, Mariquinha, permanecia olhando a cena de longe, com a porta entreaberta. Pressentindo uma tentativa de ação de arrombar a porta por parte do estivador, Antonio adiantou-se, incisivo:

*Dona Renata, a senhora é a síndica. Por favor, chame o Corpo de Bombeiros enquanto Dona Laurinda entretém o menino.* Embora contrariada por receber uma ordem, o apelo ao cargo surtiu efeito. Retirou do bolso o celular. Ainda lançou um olhar de reprovação diante daquela “aliança de comando” que a desvestira da autoridade no condomínio. Aguardou ela afastar-se e disse:

*Dona Laurinda, vamos fazer o seguinte: a senhora peça para o menino atender ao telefone...assim que a Dona Renata acabar a ligação para os Bombeiros, prosseguiu, vamos chamar o menino pelo telefone da residência.*

*O senhor transformou meus pensamentos em palavras, seu Antonio,* respondeu Laurinda.

*Muito bem, apoiado* – disseram os presentes.

Laurinda retomou o diálogo com o menino:

*Joãozinho vou contar historinhas pra você, tá bem?*

*Tá.*

*Mas para você ouvir direito, vou contar pelo telefone, tá bem?*

*Tá,* repetia ele.

*O telefone vai tocar agora, você atende, viu Joãozinho?*

*Viu.*

*Muito bem querido.*

A síndica discou o número. Ouviu-se o toque mais ao fundo da sala.

*Atende Joãozinho, sim?*

*Tende.*

Laurinda ouviu ou pensou ter ouvido o menino erguer-se e se afastar da porta. O zelador aproximou-se da síndica e cochichou.

*Os bombeiros chegaram* – informou ela. Onofre foi ao encontro deles. Apenas desceu as escadas Dona Mariquinha saiu de sua posição de espectadora, unindo-se ao grupo.

Então Laurinda ouviu a voz miúda do outro lado da linha telefônica:

*Alô!*

*Alô, Joãozinho* – respondeu com voz embargada, o coração descompassado. Conteve-se: afastou o celular de si, respirou fundo, expirou vagarosamente. Então falou:

*Fica bem quietinho que eu vou contar uma história para você. Tá sentadinho no sofá?* – perguntou imaginando a disposição desse móvel nas salas de visitas que naquele prédio davam para varandas, ao lado do qual geralmente instalava-se o telefone.

*Tá.*

### **(Os Cimos: uma história recontada)**

“Era uma vez um menino que morava numa casa lá no final da vila. O apelido dele era Pitito. Todas as manhãs ele ia até a varanda que dava para o quintal, no fundo, para ver o sol nascer detrás do bosque. Pois bem, nesse dia a mãe de Pitito deu um beijo nele de bom dia, passou a mão nos cabelos crespinhos dele. O menino botou a mãozinha por cima das mãos da mãe dele. Que disse: Pitito, estou cansada, vou pro quarto deitar um pouco, tá bem? Tá, respondeu o menino.”

*Tá me ouvindo, Joãozinho?*

*Tá.*

Os moradores em volta dela também ouviam, em silêncio. Como se estivessem detrás da porta, sentados ao lado do menino para ouvir a história. Laurinda prosseguiu:

“Aí a mãe do menino disse: fica só na varanda, leva o macaquinho de boné vermelho com você, tá bem? mas não sai da varanda! Aí o menino foi, chegou, botou o macaquinho sentado no portão da grade que abria e fechava. Dizia como o macaquinho fosse: vou passear no bosque de mentirinha, mamãe não deixa ir. E detrás do bosque, o menino viu a claridade. O sol ia nascer, aparecer detrás das árvores. Então aconteceu. Nunca tinha visto antes aquele pássaro. Pousou num vôo assim como se fosse um aviãozinho de papel no galho de um pequi carregado de frutinhas. Era um tucano com seu bico amarelo comprido com uma ponta de cor preta. Pousou na árvore de pequi. Mordiscava um pequi e fazia Crec! Crec! O pequi tem um miolo macio e delicioso mas por fora a pele é espinhosa. (Enquanto contava a história perguntava-se *se o bicho comia pequi, se tinha pequizeiro aqui nessa região. Ah, não importa, é apenas uma história inventada!*) Então o tucano foi comendo Crec! Crec!, comendo Crec! e o sol foi aparecendo, os raios do sol foram aparecendo por ali onde não tinha mais os frutinhas, faziam um leque de luz que o vento variava a direção, Pitito começou a sorrir, maravilhado. Depois vieram mais tucanos, os parentes dele, no meio das nuvens...”

O menino começou a bocejar de sono nesse ponto da história. Que bom, disse para si mesma. Uma cantiga de ninar, pensou, vai apressar o sono. Veio-lhe à mente a do sapo cururu. Desavisadamente, principiou a cantar:

*Nessa rua,  
nessa rua  
mora um anjo  
que se chama  
que se chama  
solidão.*

Cantava pausadamente, repetia como se fosse um estribilho. As lágrimas corriam pelo rosto.

*Sou uma velha chorona, boba* – disse a se justificar. Ouviu um sopro quase inaudível, o ressonar da respiração do menino. Subitamente uma vidraça lá dentro estilhaçou, deu um susto nela, clamou “Joãozinho! Joãozinho!”, repentinamente transtornada. Tudo se passou num átimo. A porta se abriu e um bombeiro sorridente estendeu a mão para ela levantar-se, atordoada enquanto ouvia as palmas, os agradecimentos e os “vivas!”, abraços entre pessoas que doravante podiam reconhecer-se na perda de outrem, ainda que fosse apenas a de um menino que elas praticamente desconheciam. Laurinda estava fora da roda da comemoração: buscava com os olhos, ansiosamente, o menino. Finalmente viu-o, de relance. Estava deitado no sofá, enrodilhado em si mesmo com o bichinho peludo, um cãozito malhado. Dormia profundamente. Ela suspirou.

### **(a investigação - 1)**

Antonio entrou no apartamento. Contemplou o corpo de Valéria, no corredor de entrada para a sala, estendido no chão. Estava um pouco de lado, encobrindo um braço, vestida como se estivesse para sair de casa.

O paramédico aproximou-se, tomou o pulso e depositou-se no chão, sentiu a carótida com os dedos, como era de praxe. Virou o corpo sem deslocá-lo do lugar. Antonio e ele viram, debaixo da mão direita, a chave da porta de saída. Repôs o corpo na mesma posição. Fez uma anotação num papel fixado em prancheta. Afastou-se um pouco.

Na frente, acima da sobancelha Antonio notou uma antiga cicatriz. Apesar da rigidez cadavérica, a morte não prevalecera sobre a beleza, pensou ele. O olhar dela parecia conter uma súplica. Virou-se e percebeu, lá no fundo da sala,

Joãozinho aninhado no colo de Laurinda. Atrás deles, um bombeiro passava uma fita de plástico amarela na janela do apartamento com o vidro quebrado.

O paramédico voltou. Ao estender sobre o corpo sem vida de Valéria um plástico negro, avisou aos presentes: *Ninguém pode tocá-lo até a chegada da polícia.*

O corpo fora transformado em cadáver.

### **(a investigação – 2)**

Dois homens adentraram no apartamento sem bater, avisar ou chamar “ó de casa”.

A síndica antecipou-se: *Renata de Mattos. Com quem falo?*

*Delegado Cintra, da 3ª DP. Podemos conversar?*

*Pois não.*

Assim transcorreu a conversa: O nome da vítima? *Valéria... Não sei de cabeça, senhor, mas posso pegar a documentação do condomínio guardada na minha escrivaninha. Não precisa? Não precisa agora. Por que? Ah, assunto policial. Trabalho? Escriturária de empresa de ônibus. Qual? Aquela lá na Avenida Getúlio Vargas. Morava há quanto tempo no prédio? Há pelo menos quatro anos. Casada? Solteira? Mãe solteira? Sim. Tinha parentes? A avó que a visitava de vez em quando. Com quem a criança ficava durante o trabalho? Não sei, mas pelo horário em que voltava com o menino devia ser particular. Sabe o nome da pessoa? Não. Pois bem: assine aqui.* Assinou o documento numa prancheta passada para as mãos dela. Até logo. *Até logo.* Mais uma coisa, logo chegará o pessoal da circunscrição do instituto médico legal. *Entendido, obrigado.*

Adentrou no quarto da vítima e encontrou o auxiliar remexendo papéis. Voltou e perguntou pelo órfão. Renata apontou o menino no colo de Laurinda, no sofá.

### **(a investigação - 3)**

Uma sensação estranha de realidade a invadiu. Tanta gente estranha, entrando, saindo, perguntando. Que acontecerá com a vida de Joãozinho agora sem a mãe? Tinha visto o corpo dela estendido no chão. Não conseguiu olhar para ela direito. A imagem de seu corpo sem vida doía dentro de si. A pergunta “nome?” repetida incansavelmente resumia a finalidade inútil daquela investigação a uma simples constatação: a nomeação pela qual entrara no mundo e nele habitara, com um filho pequeno e uma história desconhecida da vizinhança, servia agora apenas para o registro de um súbito fim, com pouco mais de quarenta anos. Bastava isso às autoridades. Não sabiam respeitar os mortos. A gente respeita os mortos ao trazê-los de volta à nossa vida, pela memória ou pela indagação: a senhora conheceu?

Como ela era? Deu-se conta da impossibilidade das lembranças. Valéria parecia ser mãe solteira. Saía com o menino João por volta das oito horas, retornava com ele 12 horas depois. Passeava com ele aos domingos. Era uma pessoa atenciosa, recatada. Bonita, principalmente quando sorria, o rosto inteiro se alumia então. Acontecia quando o filho pequeno fazia uma graça, o que não era raro. Laurinda sentia uma afinidade com ele; também sentia a reciprocidade. Fazia questão de procurá-lo nas festas de infância, com o a de Cosme e Damião. Era uma alegria ouvi-lo gritar, retirando do saquinho de doces, um por um: “quinha!”, “mole!”, “cada!”, “leite!”, “ato!” Uma tristeza se apossou dela, provocou um frio repentino. O que seria dele agora? Ele não merecia atenção, cuidado, respeito nesse momento tão trágico? Era uma pessoinha, mas era uma pessoa como nós. Laurinda assistia a toda aquela movimentação com estupor e pressentia medo. O delegado parecia um títere. Um homem corpulento, pançudo, vestido de terno sem gravata, parte da camisa fora da calça, descomposto para a tragédia a que assistia impassível. Não conseguiu distinguir o rosto, oculto por óculos escuros de dimensões exageradas (para que, dentro do apartamento?). Comunicava-se monossilabicamente com a síndica, sem olhar para ela. Parecia rastrear vestígios de uma história interrompida quando da sua entrada no apartamento. Até que encontrou o seu olhar. Virá para cá imediatamente. Sem saber explicar, sentiu uma fragilidade súbita e o desespero tomou conta dela. Procurou Antonio: lá estava no corredor de entrada do apartamento. Ele a contemplava. De longe, assentiu com a cabeça: *nada tema, estou aqui. Que bom*, respondeu mentalmente, a tempo de recompor-se diante do delegado que lhe estendia a mão:

*Senhora...?*

### **(a ordem da morte)**

À síndica pareceu faltar um ato de importância decisiva para concluir o evento trágico deste domingo. Aproximou-se do corpo, levantou o plástico negro, debruçou-se e cerrou os olhos da morta, traçando uma imaginária cruz sobre cada um. Proferiu a encomenda “descanse em paz”. Após o que tomou a decisão de decretar o velório. Abriu a cristaleira onde estavam os guardados de louça.

*Vou fazer um café para todos*, afirmou.

### **(domingo no parque)**

Para alívio geral, o pessoal da medicina legal veio retirar o corpo de Valéria antes de Joãozinho despertar. O único vestígio da tragédia era a janela aberta para a rua,



perceptível pela faixa amarela. Seria necessário encontrar imediatamente uma forma de vedação. Antonio encarregou-se disso bloqueando a janela com um armário. Amanhã traria um vidraceiro.

Laurinda ainda ficou com o menino no colo por um tempo, sozinha no apartamento. Como era gostoso sentir o calor dele. Fez carinhos no braço, na perna, nos cabelos, no nariz. Tantos carinhos acabaram por acordar o menino. Assustou-se ao vê-la. Os olhos lacrimejaram quando chamou pela mãe. Laurinda repetia com suavidade: *calma, Joãozinho, calma*. Ocorreu retomar a história dos Cimos, lembrando a mãe doente.

*Veio o médico e levou-a para o hospital. Mas ela vai ficar bem, Joãozinho. Depois de amanhã vamos visitá-la, está bem?*

Segurou-o nos braços. Disse:

*Está vendo aqui?*

*Onde?*

*Aqui!* – e passou o dedo pelo narizinho dele.

Caiu em gargalhada. Ela, de novo:

*Onde está a orelha esquerda de Laurinda?* – e puxou a orelha direita.

Mais risadas. Passaram o restante da manhã num clima de brincadeiras e amizade. Após o almoço decidiu propor um domingo no parque que ele prontamente aceitou, inclusive com a companhia de Antonio.

Joãozinho brincava no playground do parque com balde, pá e a imaginação para construir castelos e seres diversos, caminhando, sobrevoando ou nadando. Era uma criança alegre, imaginativa e feliz. Antonio e Laurinda observavam-no perto dali, num banco próximo a uma fonte. A área fora construída na forma de uma clareira na floresta, acessível por uma trilha de areia clara. Estavam absortos nas brincadeiras do menino. Laurinda rompeu o silêncio:

*Gosto de árvores. Me dá uma paz imensa olhar para elas. Contemplando árvores perco a noção de tempo.*

*Veja aquela ali, uma quaresmeira em flor.*

*Linda no meio desses verdes, não é?*

*Observe um galho repartido em dois, aquele ali, apontou: um tem botões abertos outro não. Sabe que no meio das árvores naturais da Mata Atlântica foram plantadas outras, medicinais como a espinheira-santa, a calêndula ou o guaco?*

*O senhor gosta de árvores.*

*Desde pequeno. Adorava subir nas árvores, principalmente em pinheiros e ficar balançando pendurado na ponta.*

*Pinheiros como esses de Natal?*

*Como esses. Aprendi cedo a ver o mundo do alto, sorriu ao lembrar peraltices da infância, para o desespero da mãe.*

*O senhor é do sul.*

*Sim, como sabe?*

*Pelo sotaque.*

*Ainda é perceptível?*

*Ninguém perde. No caso ousou afirmar que é do sul ao sul, o senhor é um gaúcho do interior.*

*Acertou em cheio.*

*Trabalhei perto de Passo Fundo no começo de minha experiência profissional como professora.*

*Pois eu sou de lá.*

*Ela sorriu. Poderiam ter se encontrado lá por acaso?*

*Vim de lá adolescente.*

*Não, não podiam.*

*O senhor ainda parece jovem.*

*Nada disso, tenho 65 anos.*

*É jovem ainda. Quero dizer: é forte, tem saúde.*

*Obrigado. Não me preocupo com a aparência, sei que sou idoso. Mas faço questão da terceira idade apenas para deixar de pagar passagem ou sentar nos bancos preferenciais dos ônibus quando cansado, brincou.*

*Joãozinho estava ao lado dele.*

*Zinho qué fazê xixi.*

*Antonio levantou-se, ofereceu a mão. Quando voltaram do mictório público depararam-se com Laurinda no balanço, como se flutuasse no vento.*

*Como é bom ser criança, desculpou-se pela sua felicidade. Saltou do balanço em movimento. Os dois, velho e menino, sorriram para ela.*

*O sol já estava se pondo por detrás do parque florestal quando deixaram o lugar.*

### **(pensar o amanhã)**

Enquanto fazia o café e preparava uma sopinha para o menino, propôs uma busca pelos documentos pessoais e outros registros de Valéria, a exemplo de fotos e cartas. Tratava-se de uma casa simples de quem tivera uma vida simples, com poucos objetos além de um ou outro quadro e vaso, dos guardados de louça, fotografias e dos brinquedos de criança. Logo Antonio estava com os documentos pessoais de Valéria na mão. A carteira de identidade com a filiação trazia apenas o nome da mãe: Maria Cristina dos Anjos. Entretanto Valéria trazia o sobrenome Silva, indicando um casamento.

Joãozinho puxou Antonio pela manga da camisa e arrastou-o à sala. Apontou, na estante, inclinada em diagonal, uma fotografia na qual ele aparecia ao lado da mãe e provavelmente da avó:

*Quem é essa aqui, Joãozinho?*

*É vó.*

*Como chama a vó?*

*É Vó Tína.*

Teriam de achá-la. Antonio comentou, mostrando a fotografia:

*Pareciam-se, mãe e filha.*

Laurinda contemplou a imagem daquelas duas mulheres morenas. Havia nelas um traço de sensualidade contida na expressão tranquila do rosto. Seriam os lábios bem desenhados, mais largos e grossos? Uma sombra de tristeza tomou o seu semblante.

*Amanhã vou procurar informações sobre a avó de Joãozinho,* disse Antonio para consolar Laurinda, deslocando a atenção para o destino do menino. Ainda conversaram sobre a vinda de assistente social do Juizado, advertidos pelo delegado da Polícia Civil durante a manhã.

Ao despedir-se, Antonio segurou as mãos delas entre as suas. Ambos sentiram o calor desse aperto. A vida iluminada por uma tragédia pensou Laurinda, ao olhar para Joãozinho sentado à mesa lambuzando-se com a colher de sopa. Sentiu-se alegre e triste. Pela primeira vez desde muitos anos, não se sentia mais sozinha no mundo embora sentisse certa ansiedade por uma solução do caso de Joãozinho que a incluísse ao lado dele.

**(No escritório)**

Altos muros cercavam a empresa de ônibus, cuja área se estendia pelo quarteirão inteiro. No portão de entrada havia uma guarita. Acionou a campainha. Abriu-se uma portinhola e um guarda atendeu. Apresentou-se e manifestou o seu propósito. Passou-se um longo tempo até ser convidado a entrar. Conduzido pelo guarda, atravessou o pátio de onde era possível vislumbrar a garagem, com vários ônibus. Mecânicos e motoristas circulavam ou entretinham-se em suas atividades. Placas de proibido fumar, de manutenção da limpeza, de silêncio. A gerência funcionava num prédio de três andares. No primeiro, o guarda abriu uma porta e apontou, lá no fundo de uma sala cheia de funcionários trabalhando encurvados sobre suas mesas, um homem de óculos. Disse o nome do gerente: Edilberto Ferreira. Enquanto atravessava a sala observou que as janelas ficavam acima do horizonte visual e a cor amarela escura das paredes caracterizavam um ambiente de opressão que o silêncio reinante acentuava. Ninguém levantou a cabeça para olhá-lo enquanto passava, fazendo-o desistir de dirigir "um bom dia para todos".

*Em que posso ajudá-lo, senhor...?*

*Antonio Madureira. O senhor deve ter sido notificado pela polícia do falecimento de sua funcionária Laurinda dos Anjos Silva.*

*Sim, logo no começo do expediente. Era uma boa funcionária. Gostava e dedicava-se exemplarmente ao trabalho, aliás, como todos os demais aqui. Essas últimas palavras foram proferidas num tom de voz um pouco acima do normal, com a intenção de ser ouvida pelos empregados. O senhor tem algum parentesco com ela?*

*Não. Explico-me. Contou sucintamente os eventos do dia anterior e o interesse em saber informações da avó do menino, agora órfão de mãe, de modo a abreviar o tempo de procura e evitar o recolhimento da criança a um abrigo público.*

*Compreendo sua boa intenção, mas nada sei a respeito. A funcionária Glória, com quem a falecida Laurinda almoçava junto no refeitório da empresa, poderá talvez ajudá-lo. Mas terá de esperar o horário de almoço para conversar com ela. Pode aguardar sentado naquela cadeira na entrada da sala, por favor.*

*Muito obrigado, senhor Felisberto.*

*Edilberto - corrigiu ele, com um acento de mal humor. Passar bem senhor Madureira.*

*Desculpe-me, Sr. Edilberto. Até logo.*

Enquanto esperava o momento da conversa constatou que o silêncio entre os funcionários era apenas quebrado pelo movimento ocasional do corpo de um ou

outro em suas respectivas cadeiras ou do deslocamento para o imenso arquivo de pastas suspensas encostado na parede à sua esquerda. Fechou os olhos um instante, lembrando-se da tragédia na manhã de domingo.

*Seu Antonio?* Era a Glória.

### **(o desenraizamento)**

Contou mais tarde que a Glória lhe dissera pouca coisa, pois Valéria era uma pessoa muito reservada quanto a sua vida pessoal. Sabia apenas da existência do menino João por conversas superficiais na hora do almoço, mais por insistência dela, Glória. Nunca saía atrasada do escritório. Se tivesse um trabalho para concluir chegava no dia seguinte mais cedo e era assim que Glória concluía ser Valéria uma mãe que criava sozinha o filho pequeno. Sim, a avó fazia visitas, mas não tinha maiores informações a respeito dela. Uma vez avistara-a na rua com Valéria e Joãozinho. Mãe e filha se pareciam bastante, eram mulheres bonitas. De origem negra, ressaltou. Parece que a avó trabalhava como cuidadora de pessoas idosas na grande cidade. A última vez em que esteve aqui? Deve ter sido há mais de um mês. Quanto ao menino, não tinha idéia onde ficava durante o expediente de trabalho da mãe.

Portanto tinham apenas informação da existência de Maria Cristina. Para tentar localizá-la, Antonio e Laurinda decidiram publicar um aviso na seção reservada aos anúncios fúnebres num jornal de grande circulação, informando o falecimento da filha e a urgência do contato de Maria Cristina por causa do netinho.

Aguardaram duas semanas, o tempo concedido pelo juiz para manter Joãozinho no apartamento aos cuidados de Laurinda. A decisão fora adotada em decorrência dos bons precedentes e depoimentos unanimemente favoráveis a seu respeito (até o da síndica!), com destaque para o de Antonio ao relatar os cuidados despendidos desde a primeira hora. Recebeu a visita da assistente social mais de uma vez para avaliar a situação.

Evitava pensar, mas cada dia sem notícia da avó era um tormento. Para tentar localizá-la, Laurinda chegou a participar de um programa de rádio e foi até entrevistada por uma jornalista de televisão para contar "o caso do menino João".

O último dia foi o pior de todos. Laurinda não continha o nervosismo. Antonio ofereceu - e ela aceitou - um tranquilizante à base de planta medicinal. Somente desta forma conseguiu chegar um pouco mais equilibrada ao dia fatal. Que começou com uma ligação telefônica da assistente social do Juizado avisando que iria buscar Joãozinho. Não, isso não. Respondeu, pausadamente, com a voz mais

normal que conseguiu entoar enquanto o coração batia descompassado, *pode deixar que eu mesma vou levá-lo até o Abrigo.*

*Não podemos admitir isso senhora. É a norma. No máximo a senhora poderá acompanhá-lo.*

Assim foi. Sofreu muito ao perceber que iria ter início um período de desenraizamento, marcado pela quebra daqueles laços afetivos construídos entre ela, avó postíça, e o menino, acompanhados sempre de perto por Antonio, ao longo dessas semanas. Um tempo de vida em comum tão intenso, uma vida cujos vínculos conferiram a eles o sentimento de pertencer a um lugar, a uma casa, a uma pequena comunidade, tudo seria bruscamente interrompido, talvez para sempre.

Na hora da despedida todos choraram quando Laurinda repetiu para Joãozinho a história dos Cimos na qual agora ela, a outra avó, assumia o papel da mãe de Pitito. Nessa noite teve um pesadelo horrível.

### **(Procura-se uma criança)**

Os dias se passaram iguais, insípidos e melancólicos. As aulas do curso de interpretação de texto oferecidas, duas vezes por semana, a estudantes do ensino médio como forma de se manter ativa e complementar sua aposentadoria eram os únicos fatos a quebrar a rotina. A tristeza notável na falta de entusiasmo durante as aulas levou os alunos a animá-la com a sugestão de novos textos ou sugerindo ângulos diferentes para analisá-los. Até que um deles, tendo sido informado por Antonio das razões do comportamento da professora, disse, certa tarde:

*Professora, porque a senhora não vai ao Juizado e não procura adotar o Joãozinho?*

Chorou de alegria, como se apenas agora fosse capaz de discernir uma saída da crise emocional em que se encontrava. Tomou a decisão adiada desde a manhã daquele domingo: iria lutar por aquele menino. Laurinda tinha uma colega com quem se encontrava por ocasião do cadastramento das professoras aposentadas. A Jerusa. Ela estava há anos tentando adotar uma menina. Coincidiu de ser o momento do cadastramento. Conversaria com ela, pediria orientação.

Saiu cedo, porque naquela dependência da secretaria de educação os poucos atendentes tinham de se dividir para atender também ao pessoal afastado por licença médica.

Localizou-a na fila de espera. Cumprimentaram-se. Depois de uma breve explicação sobre a orfandade de Joãozinho e ter ouvido dela evocações da Santa Edviges – uma santa que além de padroeira dos pobres e endividados era também protetora das famílias – concluiu:

*Estou pensando em ir ao Juizado...*

*Não é assim, você não vai lá e fala com as pessoas não. Agora tem de fazer a consulta pública de crianças para adoção. Abre o site do CNJ...*

*Site? CNJ?*

*É, a página do Conselho Nacional de Justiça na internet, sabe não?*

*Não.*

*É o cê-êne-jota ponto jus ponto bê erre, soletrou. Olha, faz o seguinte: conversa com seu filho... Ah não tem, disse quando percebeu o meneio negativo dela. Suspirou.*

*Espera, vou anotar num caderno, pediu Laurinda.*

*Certo. Então continuou, enquanto a outra registrava: o caminho, o passo-a-passo é o seguinte: na tela do computador, depois que você entrou no site, do lado direito, no alto da tela, está escrito "CNJ em um clique". Clique para selecionar Adoção. Ai abre a página do CNA, ah, do Cadastro Nacional de Adoção (Ela rabiscava, rabiscava, será que vou entender depois?), também no alto do lado direito tem uma janela com essas palavras, clique ali.*

*Espera, ainda não anotei a outra parte.*

*Parece complicado, mas é só seguir o caminho que eu estou explicando, qualquer coisa me liga que eu ajudo. Deu mais informações sobre abertura de janelas virtuais, lembrou que o sistema estava para ser alterado. Então falou de sua experiência, sob a forma de advertências.*

*Olhe, Laurinda, devo adverti-la: é necessário ter muita paciência, acreditar sem esperar, entendeu? Depois de procurar a Vara da Infância na Comarca da cidade, manifestando a sua pretensão de adotar uma criança, o juiz decide se está habilitada ou não. Qualquer adulto com mais de 21 anos tem esse direito. A lei diz que não importa se é casada ou solteira, divorciada, viúva, mas se você é casada, sem filhos, em boas condições financeiras, porque na documentação está lá o comprovante de renda mensal, tem saúde, não tem antecedentes criminais, e vai por aí, então a chance é maior. Eles dizem que não, que tem a fila e se é da região da comarca. Na prática a condição "pontua", ou melhor, privilegia. Então como disse, você se candidata à adoção de uma criança branca, negra ou parda. Branca é mais difícil, pois quase todo mundo quer. As cidades menores têm pouca criança para adoção. Mãe solteira fica afamada e por isso é que órfãos são adotados na família dela, pelos tios, avós. Isso de órfão é coisa de cidade grande, onde as pessoas não se conhecem. Há também muito abandono de crianças pelos pais. Tem muita que fica lá no abrigo anos, não é que falte interesse, também tem isso, mas principalmente porque a procura maior é por meninos de cor branca, é porque os pais estão em tratamento por causa de drogas, ou que as crianças foram vítimas*

*de violência doméstica, de abuso sexual e tem um processo em curso na Justiça, então elas têm pai e mãe, estão no abrigo, mas não podem ser adotadas. Aí crescem, fogem, viram marginais.*

Foi a vez de Laurinda suspirar. Não tinha pensado nunca o mundo como um lugar tão marcado pelo individualismo, desprezo e maldade.

*É uma tristeza – comentou.*

*Então você pode entender agora porque tanta gente se interessa em participar nas eleições para o Conselho Tutelar em qualquer lugar do país. Projetam as pessoas respeitáveis.*

Percebeu uma ironia, um julgamento a respeito de todo esse emaranhado de leis e instituições acima e em torno das crianças. Mas o que essa situação tinha a ver com Jerusa? Ela não demoraria tanto tempo atrás de uma criança. Seria por querer uma menina branca, ia perguntar. Conteve-se. Prá que magoar? Cada um tem a sua sina, refletiu.

*É verdade. Muito, muito obrigada, Jerusa.*

*Ficou uma dúvida?*

*Bem...posso mesmo procurá-la se precisar?*

A dúvida estava, porém, noutra dimensão, no desconhecimento do paradeiro da avó de Joãozinho.

### **(servidão voluntária)**

Enquanto milhares de pessoas vivem em absoluta normalidade, outras tantas não encontram paz nas suas vidas. Isso acontecia numa casa no fundo do quintal, quase oculta por um bonito pomar de laranjeiras, localizada no final de uma rua, no subúrbio da grande cidade. Diferentemente de outras pessoas com maior grau de liberdade, lá, presa às obrigações de cuidar de uma velha senhora, encontrava-se Maria Cristina. Já se haviam passado cinco anos desde que começara a cuidar da velha senhora, vítima da paralisia agitante ou progressiva. Pessoa de posses, aposentada e viúva, a velha senhora apegara-se a Maria Cristina. Gostava muito de conversar com ela. Contava-lhe suas viagens pelo mundo, as maravilhas do que o ser humano é capaz de construir e de fazer, pois aqueles que nos são estranhos, dizia, permitem que nos conheçamos também melhor. Deu-lhe vários objetos de presente oriundos de longínquos países de língua desconhecida para ela. Nas conversas, geralmente monólogos, após o jantar, pedia para servir um vinho do Porto, partilhado com ela após alguma insistência. Com o tempo, Maria Cristina também fora se afeiçoando àquela senhora, na medida mesmo em que ela foi progressivamente perdendo sua autonomia de caminhar, de assinar documentos, de se vestir e, depois, até de se alimentar. A senhora passou a comunicar-se com



ela apenas pelo olhar e balbucios, numa voz sumida, como se o ar dela se afastasse. Difícil mesmo era conviver com as filhas cujo aparecimento esporádico era sempre acompanhado de atritos em torno do testamento, não apenas das propriedades como também da biblioteca onde se encontravam livros raros e dos objetos de decoração abundantes na casa. Um sobrinho neto a elas subordinado fazia a gerência da conta bancária para pagar as despesas correntes, da dispensa aos médicos, inclusive e principalmente da cuidadora. No último mês, com o agravamento da saúde mental da senhora em decorrência da mudança da medicação neurológica e do crescente o assédio das filhas em torno da herança, Maria Cristina deixara até mesmo de se comunicar com Valéria e de saber notícias do netinho querido. O tempo das férias havia passado três meses do período acertado verbalmente, mas o sobrinho neto não queria liberá-la, tampouco aceitar uma indicação de substituta. Para o sobrinho neto, a cuidadora tinha de ficar ali do lado da velha senhora, tivesse consideração pelo seu estado, era a única pessoa que a estimava tanto, ainda mais nesse momento que pressagiava final. Agora Maria Cristina ficava o tempo inteiro ao lado dela, inclusive dormia no mesmo quarto. Por isso mesmo Maria Cristina não havia simplesmente desaparecido ou fosse uma pessoa cujo paradeiro fosse ignorado. A filha sabia onde se encontrava e se quisesse se comunicar bastaria fazer uma ligação telefônica. Era o que pretendia fazer assim que se sentisse emocionalmente mais disponível. A porta de saída estava apenas fechada, não bloqueada. Contudo, jamais imaginaria que o seu sofrimento ali naquela casa, assistindo ao definhamento de uma pessoa, fosse apenas um sinal de uma perda maior, dilacerante e irreparável.

### **(solidão)**

A escuridão aumentava acima da floresta, nas alturas da serra. Um vento frio e úmido, sudeste, começou a soprar cada vez mais forte. Árvores despejavam folhas e flores, pássaros atravessaram o espaço, ligeiros. O céu escuro pareceu baixar repentinamente sobre as casas e edifícios, dissolvendo-os na névoa. Trovões ressoavam na alternância de luz e sombra que dominava a atmosfera, espetacularmente. Depois os limites entre o céu e a terra voltaram a se delinear, confinando-se às montanhas mais altas. As primeiras chuvas caíram minutos depois. O chuveirinho aproximou-se e afastou-se, vindo das montanhas do fundo em direção ao vale e voltando ao mesmo horizonte. Clarões de relâmpagos atravessaram a escuridão entre as elevações distantes, apenas suspeitadas em seus contornos detrás da mancha cinzenta das chuvas. Adensaram-se brevemente, para logo dispersarem-se no longe. A paisagem parecia agora imóvel. Cigarras começaram então a cantar, zunindo o desfecho do dia. O sol se pôs. Envolvidas no

negrume de suas próprias massas, as árvores destacavam-se apenas no seu contorno. Lembrou-se da afirmação de Laurinda. Desde pequeno gostava delas, confirmara. As árvores eram um símbolo de si? Tinha escolhido viver só? Sim, a solidão fora uma escolha decorrente da separação, anos atrás, muito tempo depois de ter os filhos criados, cada qual vivendo com sua própria família. Não procurou uma nova companheira. Deixou que as atribuições no trabalho tomassem um tempo enorme na sua vida. Era um serventuário da justiça estadual, debruçado sobre milhares de números contidos em prestações de contas de diversas secretarias municipais; tanto mais demandado era o serviço dele quanto mais se mostrava capaz e correto. Os colegas do trabalho foram se tornando a companhia das sextas-feiras e eventualmente acontecia de se interessar por uma ou outra mulher e ser correspondido. Nada sério. Quando se trabalha com afinco a mente fica preocupada com o desempenho da atividade, nas suas implicações e complicações. O mais acontece. Ou não. Contudo, ao se aposentar, assumiu sem pestanejar o novo estatuto numa comemoração de despedida para ele definitiva. Nunca mais procurou os colegas, nem atendia recados ou aceitava convites. Decidiu viver só.

E agora vinha a história da Laurinda e do Joãozinho. Não sabia o que pensar direito. A situação atraía e afastava. Mas o sentimento era o de um querer. Inclinado sobre a janela, vislumbrou, ao fechar os olhos, a imagem do rosto de Laurinda.

### **(vazio)**

Avisou os alunos que iria suspender as aulas por um tempo, estava mal de saúde. Era verdade, mas a doença que a corroía era a do coração. Tinha o nome de outra pessoa. Passou a dormir com uso de antidepressivos, primeiro mais leves, depois mais pesados. Sonhava com a mesma cena: uma casa imensa, pela qual perambulava, abrindo portas e deparando-se com quartos vazios. Nalgum lugar da casa estava um menino que chamava por ela, baixinho. Aproximava-se, então acordava. O sonho reiterado aprofundou a depressão. Pensou ativar mecanismos para adestrar a mente e iludir as emoções. Tinha consciência de que muitas vezes precisamos enganar a mente, evitando a dispersão do pensamento arrastado pelas emoções com um foco assim como se lança bóias para um naufrago. Simplesmente não encontrou forças para ativar tal mecanismo. O mundo estava descolorindo a cada dia. Como ater-se a alguma coisa concreta se apenas vislumbrava tonalidades de claro-escuro? Pior, se a escuridão atraía mais do que a luz?

Os dias foram se passando. Mal comia. Dormia longas horas. Os hábitos pessoais, quase resumidos à higiene, cumpria-os mecanicamente. A vida retomava tenuamente as cores na presença de Antonio. Que procurou lutar contra a depressão dela. Inicialmente convidava-a para passear. Trazia livros. Às vezes flores. Noutras, um doce. Diante da recusa a um vínculo mais forte com ele, simplesmente ficava do seu lado, mesmo quando ela dormia. Eram poucos momentos de trégua no descenso ininterrupto para o fundo de si mesma.

O uso contínuo dos medicamentos antidepressivos e a falta de alimentação adequada provocaram uma mudança na natureza dos sonhos. O menino já desaparecera dos sonhos. Uma noite sonhou estar dentro do oco de um fruto. Era apenas uma casca vazia a envolver todo o espaço circundante, como se a polpa tivesse sido retirada. Despertou trêmula, foi beber água. Sob o efeito do tranquilizante, mergulhou no sono novamente. Então sonhou estar na margem de um abismo. Caminhou na direção da névoa e caiu em queda livre. Acordou com o próprio grito.

**(fim)**

Antonio abriu a porta.

*O que aconteceu, Laurinda?*

Tremulava, os olhos febris, sem dizer palavra.

*Laurinda?* Aproximou-se dela, segurou a mão e sentiu o calor do corpo dela. Conduziu-a para dentro, suavemente. Mal encostou a porta, ela virou-se e, num impulso, encontrou-se com ele fisicamente. Continuava a tremer, mas de olhos fechados. Beijaram-se com volúpia, o coração cada vez mais apressado. Enlaçados, caminharam para o quarto imerso na escuridão. Desnudaram-se e acariciaram-se alumiados nas chamas da paixão como se constituíssem, no enlace amoroso, uma atmosfera cheia de luz projetada de dentro de si até o contorno da pele de seus corpos que, lentamente no início, depois num auge, os consumiu em êxtase.

Acordou com o vento frio da madrugada soprando. Levantou-se para fechar a janela. Ao deitar, estendeu o lençol sobre os dois. Encostou a cabeça no travesseiro ao lado dela e ficou a contemplá-la. Laurinda abriu os olhos castanhos escuros e sorriu. Que sorriso lindo você tem, disse ele. Que olhos azuis lindos tem você, disse ela. Então, ao dizer as palavras

*Eu te amo,*

o sentido de sua existência mudou para sempre.

**Eduardo Navarro Stotz**

**Através da porta**

**Rio de Janeiro: abril/setembro de 2012.**

**Créditos**

Christiana Carvalho. Exposição fotográfica na LGC Arte Contemporânea. Rio de Janeiro, de 20 de fevereiro a 25 de março de 2008. Disponível em:

[http://www.christianacarvalho.com.br/entrada\\_pt.html](http://www.christianacarvalho.com.br/entrada_pt.html)